

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XI

ABRIL DE 1868

Nº 4

Correspondência Inédita de Lavater com a Imperatriz Maria da Rússia

(Continuação – Vide o número de março de 1868.)

TERCEIRA CARTA

Mui venerada imperatriz,

A sorte exterior de cada alma despojada de seu corpo corresponderá ao seu estado interior, isto é, tudo lhe parecerá tal qual é ela mesma. À boa, tudo parecerá no bem; o mal só aparecerá às almas dos maus. Naturezas amantes cercarão a alma amante; a alma odienta atrairá para si naturezas odientas. Cada alma se verá a si própria refletida nos Espíritos que se lhe assemelham. O bom se tornará melhor e será admitido nos círculos compostos de seres que lhe são superiores; o santo se tornará mais santo pela só contemplação dos Espíritos mais puros e mais santos que ele; o Espírito amante tornar-se-á ainda mais amoroso; mas, também, cada ser malvado tornar-se-á pior unicamente por seu contato com outros seres malévolos. Se já na Terra nada é mais contagioso e mais empolgante que a virtude e o vício, o amor e o ódio, do mesmo modo, no além-túmulo, toda perfeição moral e religiosa,

bem como todo sentimento imoral e irreligioso, devem necessariamente tornar-se ainda mais empolgantes e mais contagiosos.

Vós vos tornareis, mui honrada imperatriz, todo amor nos círculos de almas benevolentes.

O que ainda restar em mim de egoísmo, de amor-próprio, de tibieza para o reino e os desígnios de Deus, será inteiramente engolido pelo sentimento de amor, se foi predominante em mim, e se depurará ainda sem cessar, pela presença e o contato dos Espíritos puros e amantes.

Depurados pelo poder de nossa aptidão para amar, largamente exercido neste mundo; purificados ainda mais pelo contato e a irradiação, sobre nós, do amor dos Espíritos puros e elevados, seremos gradualmente preparados para a visão direta do mais perfeito amor, para que não nos deslumbremos, não nos amedrontemos e nem sejamos impedidos de o gozar com delícias.

Mas como, venerada imperatriz, um frágil mortal poderia, ousaria fazer uma idéia da contemplação desse amor personificado? E tu, caridade inesgotável! como poderias aproximar-te daquele que bebe em ti só o amor, sem o amedrontar e o deslumbrar?

Penso que no começo aparecerá invisivelmente ou sob uma forma irreconhecível.

Não agiu ele sempre desta maneira? Quem amou mais invisivelmente do que Jesus? Quem, melhor que ele, sabia representar a individualidade incompreensível do desconhecido? Quem, melhor que ele, soube tornar-se irreconhecível, ele que podia fazer-se conhecer melhor que nenhum mortal ou qualquer Espírito imortal? Ele, que todos os céus adoram, veio sob a forma de um modesto operário e conservou até a morte a individualidade

de um nazareno. Mesmo depois de sua ressurreição, primeiro apareceu sob uma forma irreconhecível e só depois se fez reconhecer. Penso que conservará sempre esse modo de ação, tão análogo à sua natureza, à sua sabedoria e ao seu amor. É sob a forma de um jardineiro que aparece a Maria no jardim onde ela o procurava e onde já não tinha esperança de o encontrar. Primeiro irreconhecível, só foi reconhecido alguns instantes depois.

Foi também sob uma forma irreconhecível que se aproximou de dois de seus discípulos, que marchavam cheios dele e o aspiravam. Caminhou muito tempo ao lado deles; seus corações queimavam numa chama santa; sentiam a presença de algum ser puro e elevado, mas de outro ser, e não ele; só o reconheceram no momento de partir o pão, no momento de seu desaparecimento e quando, ainda na mesma noite, o viram em Jerusalém. A mesma coisa sucedeu às margens do lago de Tiberíades, e quando, radiante em sua glória deslumbrante, apareceu a Saulo.

Como todas as ações de Nosso Senhor, todas as suas palavras e todas as suas revelações são sublimes e dramáticas!

Tudo segue uma marcha incessante que, impelindo sempre para frente, se aproxima cada vez mais de um objetivo que, no entanto, não é o objetivo final. O Cristo é o herói, o centro, a personagem principal, ora visível, ora invisível, nesse grande drama de Deus, tão admiravelmente simples e complicado ao mesmo tempo, que jamais terá fim, embora tendo parecido mil vezes acabado.

Ele aparece sempre, a princípio irreconhecível, na existência de cada um de seus adoradores. Como o amor poderia recusar-se a aparecer ao ser que o ama, no momento exato em que este mais precisa dele?

Sim, tu, o mais humano dos homens, aparecerás aos homens da maneira mais humana! Aparecerás à alma amante a

quem escrevo! Tu me aparecerás também, a princípio irreconhecível e depois tu te farás reconhecer por nós. Nós te veremos uma infinidade de vezes, sempre outro e sempre o mesmo, sempre mais belo, à medida que nossa alma se melhorar e jamais pela última vez.

Eleveмо-nos mais vezes para esta idéia inebriante que, com a permissão de Deus, tentarei esclarecer mais amplamente em minha próxima carta, e de vos tornar mais comovente, por uma comunicação dada por um defunto.

Lavater

1º de setembro de 1798

QUARTA CARTA

Em minha carta precedente, mui venerada imperatriz, eu vos prometi enviar a carta de um defunto ao seu amigo da Terra. Ela poderá vos fazer compreender melhor e captar minhas idéias sobre o estado de um cristão após a morte de seu corpo. Tomo a liberdade de juntá-la a esta. Julgai-a do ponto de vista que vos indiquei e dirigi vossa atenção antes para o assunto principal do que para alguns detalhes particulares que o cercam, embora *eu tenha razões* para supor que estes últimos também encerrem *alguma coisa de verdadeiro*.

Para a compreensão das matérias que vos exporei na continuação sob essa forma, creio necessário fazer-vos notar que tenho quase certeza de que, malgrado a existência de uma lei geral, idêntica e imutável, de castigo e de felicidade suprema, cada Espírito, segundo o seu caráter individual, não somente moral e religioso, mas mesmo pessoal e oficial, terá sofrimentos a suportar após a sua morte terrestre e gozará de felicidades que não serão apropriadas senão a ele mesmo. A lei geral individualizar-se-á para cada indivíduo em particular, isto é, em cada um produzirá um efeito diferente e pessoal, da mesma forma que um raio de luz,

atravessando um vidro colorido, convexo ou côncavo, dele tira, em parte, sua cor e sua direção. Eu queria, pois, que fosse aceito positivamente; que, *embora todos os Espíritos bem-aventurados, menos felizes ou sofredores se encontrem sob a mesma lei muito simples de semelhança ou dessemelhança com o mais perfeito amor, deve-se presumir que o caráter substancial, pessoal, individual de cada Espírito constitua para ele um estado de sofrimento ou de felicidade essencialmente diferente do estado de sofrimento ou de felicidade de um outro Espírito. Cada um sofre de uma maneira que difere do sofrimento de um outro, e sente prazeres que um outro não seria capaz de sentir. A cada um dos mundos material e imaterial, Deus e o Cristo se apresentam sob uma forma particular, sob a qual não aparecem a ninguém, exceto a ele. Cada um tem seu ponto de vista que não pertence senão a si próprio. A cada Espírito Deus fala uma língua só por ele compreendida. A cada um se comunica em particular e lhe concede prazeres que só ele está em estado de experimentar e conter.*

Esta idéia, que considero uma verdade, serve de base a todas as comunicações seguintes, dadas por Espíritos desencarnados aos seus amigos da Terra.

Sentir-me-ia feliz se soubesse que compreendestes como cada homem, pela formação de seu caráter individual e pelo aperfeiçoamento de sua individualidade, pode preparar para si mesmo prazeres particulares e uma felicidade apropriada só para si.

Como nada se esquece tão depressa, e nada é menos procurado pelos homens que essa felicidade apropriada a cada indivíduo, embora cada um tenha toda a possibilidade de se a proporcionar e dela desfrutar, tomo a liberdade, sábia e venerada imperatriz, de vos rogar com instância que vos digneis analisar com atenção esta idéia que, certamente, não podeis encarar como inútil para a vossa própria edificação e vossa elevação para Deus: *Deus colocou-se a si mesmo e colocou o Universo no coração de cada homem.*

Todo homem é um espelho particular do Universo e de seu Criador. Envidemos, pois, todos os nossos esforços, mui venerada imperatriz, para mantermos esse espelho tão puro quanto possível, a fim de que Deus aí possa ver *a si mesmo* e sua mil vezes bela Criação, refletidos para sua inteira satisfação.

João Gaspar Lavater

Zurique, 14 de setembro de 1798

CARTA DE UM DEFUNTO AO SEU AMIGO DA TERRA

(Sobre o estado dos Espíritos desencarnados)

Enfim, meu bem-amado, me é possível satisfazer, conquanto apenas em parte, meu desejo e o teu, e de te comunicar alguma coisa concernente ao meu estado atual. Desta vez não te posso dar senão pouquíssimos detalhes. No futuro, tudo dependerá *do uso que fizeres de minhas comunicações*.

Sei que o desejo que experimentas, de ter noções sobre mim, como em geral sobre o estado de todos os Espíritos desencarnados, é muito grande, mas não ultrapassa o meu de te ensinar o que é possível revelar. O poder de amar daquele que amou no mundo material, aumenta inexprimivelmente, quando se torna cidadão do mundo imaterial. Com o amor aumenta também o desejo de se comunicar aos que conheceu, aquilo que ele *pode*, o que lhe é *permitido* transmitir.

Devo começar por te explicar, meu bem-amado, a ti que amo cada vez mais, como me é possível te escrever, sem, ao mesmo tempo, poder tocar o papel e conduzir a pena, e como posso falar a ti numa língua inteiramente terrestre e humana que, em meu estado habitual, não compreendo.

Esta só indicação deve servir-te de traço de luz, para poder compreender como deves encarar o nosso estado presente.

Imagina meu estado atual, diferente do anterior, mais ou menos como o estado da borboleta, adejando no ar, difere de seu estado de crisálida. Sou justamente essa crisálida transfigurada e emancipada, já tendo sofrido duas metamorfoses. Exatamente como a borboleta volita em redor das flores, nós voejamos muitas vezes em torno das cabeças dos bons, mas nem sempre. Uma luz, invisível para vós mortais, visível apenas para bem poucos de vós, irradia ou brilha docemente em redor da cabeça de todo homem bom, amante e religioso. A idéia da auréola com que cercam a cabeça dos santos, é essencialmente verdadeira e racional. Simpatizando esta luz com a nossa – todo ser bem-aventurado não o é senão pela luz – o atraí para ela, conforme o grau de sua claridade, que corresponde à nossa. Nenhum Espírito impuro ousa e pode aproximar-se dessa santa luz. Repousando-nos nessa luz, acima da cabeça do homem bom e piedoso, podemos ler incontinenti em seu espírito. Vemo-lo tal qual ele é em realidade. Cada raio que dele sai é para nós uma palavra, por vezes todo um discurso; respondemos aos seus pensamentos. Ele ignora que somos nós que respondemos. Nele excitamos idéias que, sem nossa ação, ele jamais teria estado em condição de as conceber, embora a disposição e a aptidão para as receber sejam inatas em sua alma.

O homem digno de receber a luz torna-se, assim, um órgão útil e muito proveitoso para o Espírito simpático, que deseja comunicar-lhe suas luzes.

Encontrei um Espírito, ou antes, um homem acessível à luz, do qual pude aproximar-me, e é por seu órgão que te falo. Sem sua intermediação, ter-me-ia sido impossível entreter-me contigo humanamente, verbalmente, palpavelmente, numa palavra, escrever-te.

Desta maneira, pois, recibes uma carta anônima da parte de um homem que não conheces, mas que nutre em si uma forte tendência para as matérias ocultas e espirituais. Plano acima

dele; posto-me sobre ele, mais ou menos como o mais divino de todos os Espíritos se postou sobre o mais divino de todos os homens, após o seu batismo; suscito-lhe idéias; ele as transmite sob a minha intuição, sob minha direção, por efeito de minha irradiação. Por um leve toque, faço vibrarem as cordas de sua alma de maneira conforme à minha e à sua individualidade. Ele escreve o que desejo fazê-lo escrever; escrevo por seu intermédio; minhas idéias tornam-se as suas. Ele se sente feliz escrevendo. Torna-se mais livre, mais animado, mais rico em idéias. Parece-lhe que vive e plana num elemento mais alegre, mais claro. Marcha lentamente, como um amigo conduzido pela mão de um amigo, e é desta maneira que de mim recebes uma carta. Aquele que escreve supõe-se livre e o é realmente. Não sofre nenhuma violência; é livre como o são dois amigos que, embora andando de braço dado, se conduzem mutuamente.

Tu deves sentir que *meu* Espírito se acha em relação direta com o teu; concebes o que te digo; escutas os meus mais íntimos pensamentos. É bastante por esta vez. O dia em que ditei esta carta chama-se entre vós 15 de setembro de 1798.

QUINTA CARTA

Mui venerada imperatriz,

De novo uma cartinha chegada do mundo invisível.

No futuro, se Deus o permitir, as comunicações seguir-se-ão mais de perto.

Esta carta contém uma parte muito pequena do que pode ser dito a um mortal, sobre a aparição e a visão do Senhor. É simultaneamente e sob milhões de formas diferentes, que o Senhor aparece às miríades de seres. Ele quer e se multiplica ele próprio por suas inúmeras criaturas, individualizando-se, ao mesmo tempo, para cada uma delas em particular.

A vós, imperatriz, ao vosso Espírito de luz, ele aparecerá um dia, como apareceu a Maria Madalena, no jardim do sepulcro. De sua boca divina o ouvireis um dia, quando sentiredes a maior necessidade e quando menos o esperardes, vos chamar por vosso nome Maria. *Rabi!* respondereis ao seu chamado, penetrada do mesmo sentimento de felicidade suprema que tomou conta de Madalena, e, cheia de adoração, como o apóstolo Tomé, direis: *“Meu Senhor e meu Deus!”*¹²

Tivemos pressa em atravessar as noites de trevas para chegar à luz; passamos pelos desertos para alcançar a terra prometida; sofremos as dores do nascimento para renascer para a verdadeira vida.

Que Deus e o vosso Espírito estejam convosco e vosso Espírito.

João Gaspar Lavater

Zurique, 13 de novembro de 1798

CARTA DE UM ESPÍRITO BEM-AVENTURADO

(Ao seu amigo da Terra sobre a primeira visão do Senhor)

Caro amigo,

De mil coisas com que desejaria entreter-te, desta vez não direi senão uma, que te interessará mais que todas as outras. Obtive autorização para o fazer. Os Espíritos nada podem fazer sem uma permissão especial. Vivem *sem a sua própria vontade*, somente na vontade do Pai celeste, que transmite suas ordens a milhares de seres ao mesmo tempo, como a um só, e responde

12 **N. do T.:** João, 20:28. Para alguns exegetas da Boa Nova, tais palavras não teriam sido pronunciadas pelo apóstolo Tomé, mas interpoladas no Evangelho de João para justificar o dogma da divindade do Cristo.

instantaneamente a uma infinidade de assuntos, a milhares de suas criaturas, que a ele se dirigem.

Como te fazer compreender de que maneira eu vivo o Senhor? Oh! de uma maneira muito diferente daquela que vós, seres ainda mortais, o podeis imaginar.

Depois de muitas aparições, instruções, explicações e prazeres que foram concedidos pela graça do Senhor, certa vez atravessei uma região paradisíaca, com cerca de doze outros Espíritos, que tinham subido, mais ou menos pelos mesmos degraus da perfeição que eu. Planamos, volitamos um ao lado do outro, em doce e agradável harmonia, como que formando uma leve nuvem, e parecia que experimentávamos o mesmo arrastamento, a mesma propensão para um objetivo muito elevado. Pressionávamos cada vez mais um contra o outro. À medida que avançávamos, tornávamo-nos cada vez mais íntimos, mais livres, mais alegres, mais prazenteiros e cada vez mais aptos a gozar, e dizíamos: Oh! como é bom e misericordioso *Aquele* que nos criou! *Aleluia ao Criador!* foi o amor que nos criou! *Aleluia ao Ser amante!* Animados por tais sentimentos, prosseguimos nosso vôo e nos detivemos ao pé de uma fonte.

Aí sentimos a aproximação de uma brisa leve. Ela não trazia nem um homem, nem um anjo; e, contudo, o que avançava para nós tinha qualquer coisa de tão humano, que atraiu toda a nossa atenção. Uma luz resplandecente, de certo modo semelhante à dos Espíritos bem-aventurados, mas não a ultrapassando, nos inundou. “Aquele também é dos nossos!” pensamos simultaneamente e como por intuição. Ela desapareceu, e a princípio pareceu-nos que estávamos privados de alguma coisa. “Que ser particular! dissemo-nos; que atitude real! e, ao mesmo tempo, que graça infantil! que amenidade e que majestade!”

Enquanto assim falávamos a nós mesmos, subitamente uma forma graciosa nos apareceu, saindo de um bosque

encantador, e nos saudou amigavelmente. O recém-chegado não se assemelhava à aparição precedente, mas também tinha algo de superior, algo elevado e, ao mesmo tempo, de inexprimivelmente simples. “Sede bem-vindos, irmãos e irmãs!” disse ele. Respondemos em uníssono: “Sê bem-vindo tu, o abençoado do Senhor! o céu se reflete em tua face e o amor de Deus irradia de teus olhos.”

– Quem sois? perguntou o desconhecido. – Somos os alegres adoradores do todo-poderoso *Amor*, respondemos.

– Quem é o todo-poderoso *Amor*? perguntou-nos com uma graça perfeita.

– Não conheces o todo-poderoso *Amor*? perguntamos, por nossa vez, ou antes, fui eu quem lhe dirigiu a pergunta, em nome de todos.

– Eu o conheço, disse o desconhecido, com uma voz ainda mais doce.

– Ah! se pudéssemos ser dignos de o ver e ouvir a sua voz! mas não nos sentimos bastante depurados para merecer contemplar diretamente a mais santa pureza.

Em resposta a estas palavras, ouvimos retinir atrás de nós uma voz que nos disse: “Estais lavados de toda mancha, estais purificados. Sois declarados justos por Jesus-Cristo e pelo Espírito do Deus vivo!”

Uma felicidade inexprimível espalhou-se em nós, no momento que, virando-nos na direção de onde partia a voz, queríamos nos precipitar de joelhos para adorar o interlocutor invisível.

Que aconteceu? Cada um de nós ouviu um *nome* instantaneamente, que jamais tinha ouvido pronunciar, mas que cada um compreendeu e ao mesmo tempo reconheceu ser o seu próprio novo nome, expresso pela voz do desconhecido. Espontaneamente, com a rapidez do relâmpago, nós nos voltamos, como um ser único, para o adorável interlocutor, que nos apostrofou assim, com uma graça indizível: “Encontrastes o que buscáveis. Aquele que me vê, vê também o todo-poderoso Amor. *Conheço os meus e os meus me conhecem. Dou às minhas ovelhas a vida eterna e elas não perecerão na eternidade; ninguém poderá arrancá-las de minhas mãos, nem das mãos de meu Pai. Eu e meu Pai somos um!*”

Como poderia eu exprimir em palavras a doce e suprema felicidade em que nos expandimos, quando aquele que, a cada momento, se tornava mais luminoso, mais gracioso, mais sublime, estendeu para nós os seus braços e pronunciou as seguintes palavras, que vibrarão eternamente para nós, e que nenhum poder será capaz de fazer desaparecer de nossos ouvidos e de nossos corações: “*Vinde aqui, vós, eleitos de meu Pai: herdai do reino que vos foi preparado desde o começo do Universo.*” Depois disto, abraçou-nos a todos simultaneamente, e desapareceu. Guardamos silêncio e, sentindo-nos estreitamente unidos para a eternidade, espalhamos, sem nos mover, um no outro, docemente e cheios de uma felicidade suprema. O Ser infinito tornou-se uno conosco e, ao mesmo tempo, nosso tudo, nosso céu, nossa vida no seu sentido mais verdadeiro. Mil vidas novas pareceram nos penetrar. Nossa existência anterior acabou-se para nós; recomeçamos a ser; ressentimos a imortalidade, isto é, uma superabundância de vida e de forças, que trazia a marca da indestrutibilidade.

Enfim, recobramos a palavra. Ah! se eu pudesse te comunicar, ainda que um único som, de nossa alegre adoração!

“Ele existe! nós somos! Por Ele, por Ele só! – Ele é, – seu ser não é senão vida e amor! – Aquele que o vê, vive e ama, é

inundado de eflúvios da imortalidade e do amor que emana de sua face divina, de seu olhar cheio de felicidade suprema!

“Nós te vimos, amor todo-poderoso! Tu te mostraste a nós sob a forma humana, Tu, Deus dos deuses! E, contudo, Tu não foste nem homem, nem Deus, Tu Homem-Deus!

“Tu não foste senão amor, todo-poderoso apenas como amor! – Tu nos sustentaste por tua onipotência, para impedir que a força, mesmo atenuada por teu amor, nela nos absorvesse.

“És Tu, és Tu? – Tu, que todos os céus glorificam; Tu, oceano de beatitude; – Tu, onipotência; – Tu, que outrora encarnando nos ossos humanos, levaste os fardos da Terra e, banhado de sangue, suspenso a uma cruz, Te fizeste cadáver?

“Sim, és Tu, – Tu, glória de todos os seres! Ser diante do qual se inclinam todas as naturezas, que desapareciam diante de Ti, para serem chamadas a viver em Ti!

“Num dos teus raios encontra-se a vida de todos os mundos, e de teu hálito não jorra senão o amor!”

Isto, caro amigo, não passa de uma bagatela mínima, caída na terra, da mesa cheia de uma felicidade inefável de que me nutria. Aproveita-a, e logo te será dado mais. – Ama, e serás amado. – Só o amor pode aspirar à felicidade suprema. – Só o amor pode dar a felicidade, mas unicamente aos que amam.

Oh! meu querido, é porque amas que posso aproximar-me de ti, comunicar-me contigo e te conduzir mais depressa à fonte da vida.

Amor! Deus e o céu vivem em ti, tanto quanto vivem na face e no coração de Jesus-Cristo!

Escrevo isto, conforme a vossa cronologia terrestre, em 13 de novembro de 1798.

Makariosenagape

(Termina no próximo número)

O Fim do Mundo em 1911

O fim do mundo em 1911, tal é o título de uma pequena brochura in-18, de 58 páginas, espalhada em Lyon com profusão e que se acha naquela cidade na livraria Jossierand, place Bellecour, nº 3. Às considerações tiradas da concordância do estado atual das coisas com os sinais precursores anunciados no Evangelho, o autor acrescenta, conforme uma outra profecia, um cálculo cabalístico que fixa o fim do mundo para o ano 1911, nem mais, nem menos, isto é, dentro de 43 anos. De sorte que, entre os vivos de hoje, mais de um será testemunha dessa grande catástrofe. Ora, aqui não se trata de uma figura; é o fim bem real, o aniquilamento da Terra, a dispersão de seus elementos e a destruição completa de seus habitantes. É lamentável que a maneira por que se realizará este acontecimento não seja indicada, mas também é preciso deixar alguma coisa sem avisar.

Será precedido pelo reino do Anticristo. Segundo os mesmos cálculos, que não foram feitos por Arago, esse personagem nasceu em 1855 e deve viver 55 anos e meio; e como sua morte deve marcar o fim dos tempos, isto nos leva justo a 1911, a menos que tenha havido algum erro de cálculo, como para 1840.

Com efeito, a gente se lembra de que o fim do mundo também tinha sido predito para o ano de 1840; acreditavam com tanta certeza, que tinha sido pregado nas igrejas, e o vimos anunciado em certos catecismos de Paris às crianças da primeira comunhão, o que não deixou de impressionar deploravelmente

alguns cérebros jovens. Como o melhor meio de salvar sua alma sempre foi dar dinheiro, despojar-se dos bens deste mundo, que são uma causa de perdição, foram feitas coletas e doações com este objetivo. Mas o Espírito do mal se insinua por toda parte neste século de racionalistas e impele aos piores pensamentos; ouvimos, com os próprios ouvidos, alunos de catecismo fazendo esta reflexão: "Se, diziam eles, o fim do mundo chega no próximo ano, como nos asseguram, será tanto para os padres quanto para os outros; então para que lhes servirá o dinheiro que pedem?" Na verdade não há mais crianças, mas meninos terríveis.

Sucedirá o mesmo com o ano de 1911? A brochura em questão nos dá um meio certo de nos assegurarmos disto: é o retrato do Anticristo, pelo qual será fácil reconhecer o original; é bastante característico para que possa haver engano. É traçado por um célebre profeta alemão, Holzauzer, nascido em 1613, e que escreveu um comentário sobre o Apocalipse.

Segundo Holzauzer, o Apocalipse não é senão a história completa da Igreja católica, desde o seu nascimento até o fim do mundo, história que ele divide em sete épocas, figuradas, diz ele, pelas sete igrejas, às quais se dirige São João. Eis alguns dos traços mais característicos do Anticristo e dos acontecimentos que devem preceder a sua vinda.

“Tocamos neste momento o fim da quinta época. É então que sucederão essas espantosas desgraças anunciadas no Apocalipse (cap. VIII). A peste, a guerra, a fome, os terremotos farão vítimas inumeráveis. Todos os povos se levantarão uns contra os outros; a guerra será geral na Europa; mas o incêndio reventará primeiro na Alemanha...

“Depois destas guerras formidáveis, que ensangüentarão o mundo inteiro, o protestantismo desaparecerá para sempre e o império dos turcos se desmoronará. Será o começo da sexta idade.

“Os povos, esgotados por esses combates mortais, apavorados pelos horríveis flagelos, que marcarão o fim da quinta época, voltarão ao culto do verdadeiro Deus. Saindo vitoriosa das lutas sem-número que terá sustentado contra as heresias, a indiferença e a corrupção geral, a religião do Cristo reflorescerá mais brilhante que nunca. Jamais a Igreja católica terá tido um triunfo tão espetacular. Seus ministros, modelos de todas as virtudes, percorrerão o mundo para fazer ouvir aos homens a palavra de Deus...

“Mas esse triunfo da religião será de curta duração. O vício, abatido mas não aniquilado, pouco a pouco erguerá a cabeça, e logo a corrupção, fazendo rápidos progressos, invadirá novamente todas as classes da sociedade, e se introduzirá até no santuário. É então que se verá a abominação da desolação, anunciada pelo profeta. O mundo inteiro não será mais que uma imensa sentina de vícios e de crimes de toda sorte. Assim terminará a sexta idade.

“Então virá à Terra aquele que os profetas e os Pais da Igreja designaram sob o nome de Anticristo.

“Pobre e desconhecido, viverá uma vida miserável durante sua infância e a primeira juventude. Educado por seu pai no estudo das ciências ocultas, a elas se aplicará com furor e fará rápidos progressos. Dotado de inteligência pouco comum, de um espírito ardente e resoluto e de um caráter de ferro, mostrará, desde o berço, as mais violentas paixões. Reconhecendo nesse menino as temíveis qualidades daquele que deve um dia secundá-lo tão ardentemente em sua luta contra o gênero humano, Satã estremecerá de alegria e, pouco a pouco, lhe comunicará todo o seu poder.

“Todos os que dele se aproximarem ficarão maravilhados com os seus discursos e ações. Encará-lo-ão como

um menino predestinado a grandes coisas, e dirão que a mão do Senhor estendeu-se sobre ele para o proteger e conduzir...

“Pouco a pouco, ajudado pelo renome, e aumentando ainda as maravilhas atribuídas ao jovem chefe, o número de seus sectários tornar-se-á rapidamente muito considerável...

“Logo se vendo à testa de um verdadeiro exército, composto de homens devotados até a morte, ele não hesitará mais em tomar o título de rei. Durante algum tempo ocupar-se-á em organizar o seu poder e pôr um pouco de ordem entre os seus novos súditos, mas nada negligenciando para lhes aumentar o número. Não tendo nome de família, tomará o nome de *Cristo*, que os judeus já lhe terão dado...

“Crescendo sua ambição com a fortuna, formará, no seu orgulho, o desígnio de conquistar toda a Terra e submeter todos os povos às suas leis...

“Em alguns dias o Anticristo reunirá um exército imenso e ver-se-á esse novo Átila engolir a Europa sob as ondas de suas hordas bárbaras. Os exércitos inimigos, feridos de pavor à vista dos numerosos prodígios que ele fará, deixar-se-ão dispersar e aniquilar, sem mesmo tentar combater. Três grandes reinos serão conquistados sem qualquer resistência. Seus soberanos expiarão nos mais cruéis suplícios sua recusa à submissão, e os povos vencidos serão entregues sem piedade a todos os furores de uma soldadesca desenfreada. Terrificadas ao saber dessas bárbaras vinganças, as outras nações imediatamente se submeterão. Então a Terra inteira não formará mais que um só e vasto reino, que o Anticristo governará a seu talante. Fará reconstruir, com uma magnificência inaudita, a cidade de Jerusalém, e dela fará a sede de seu império.

“Arrastado por seu fatal destino, ele fará todos os esforços por destruir todas as religiões, sobretudo a religião

católica. Sobre os escombros do antigo culto, reconstruirá o edifício de um culto novo, do qual será, ao mesmo tempo, o sumo-sacerdote e o ídolo. Esta nova religião terá os seus defensores e os seus sacerdotes em toda parte. Um dos mais encarniçados e mais terríveis, aquele que São João designou nos versículos 11, 12 e 13 do capítulo XIII, como a besta de dois chifres, semelhantes aos do cordeiro, será o grande apóstata. Holzauzer o chama assim porque será um dos primeiros a renunciar ao Cristianismo para se dedicar com furor ao culto do Anticristo.

“Nessa época reinará sobre o trono de São Pedro um pontífice santo, com o nome de Pedro. Ferido de dor à vista dessas desgraças horrendas, e prevendo os perigos terríveis que correrão os fiéis, enviará a toda a cristandade santas exortações para premunir cada um contra as seduções do Anticristo, cuja perfídia desvendará claramente. Furioso por essa resistência aberta e pela imensa influência do Santo Padre, o grande apóstata entrará em Roma à frente de um exército e, com as próprias mãos, matará o último sucessor de Pedro nos degraus do altar...

“Por toda parte as igrejas serão invadidas, os santuários violados, os objetos do culto profanados. Os livros santos serão queimados, a cruz e todos os símbolos de nossa augusta religião serão pisados e arrastados no pó. Os quadros e as estátuas expostos à veneração dos fiéis serão derrubados; em seu lugar elevar-se-á a estátua maldita do Anticristo. – E esta estátua falará, diz o profeta...

“E ver-se-ão homens instruídos e eloqüentes pregando essa idolatria de um novo gênero e, numa linguagem brilhante e imaginosa, exaltando os louvores daquele cuja estátua fala e faz milagres...

“Para ferir os olhos da multidão e subjugar as massas, o Anticristo realizará prodígios admiráveis. Transportará montanhas, andará sobre as águas e se elevará nos ares, todo brilhante de glória.

Fará aparecerem vários sóis simultaneamente, ou mergulhará a Terra na mais completa escuridão. À sua voz, o raio cairá do céu, os rios suspenderão seu curso, as muralhas desabarão. Tornando-se invisível à vontade, irá de um lugar a outro com incrível rapidez e se mostrará em vários lugares ao mesmo tempo. Assim, como vimos, animará a sua imagem e lhe comunicará uma parte de seu poder. Mas, *em sua maioria*, esses prodígios não passarão de ilusões de óptica e o resultado de uma fantasmagoria diabólica; não serão *verdadeiros* milagres, porque Satã, com toda a sua força, *não poderia mudar as leis da Natureza...*”

Observação – Se não são milagres, na acepção rigorosa da palavra, não sabemos a que se pode dar esse nome; e se são, *em sua maioria*, ilusões de óptica, essas ilusões se afastam singularmente das leis da Natureza, e elas próprias seriam milagres, porquanto jamais se viu o raio cair e as muralhas desabarem por efeitos de óptica. O que ressalta de mais claro desta explicação é a dificuldade em distinguir os verdadeiros milagres dos falsos, e de fazer, nos efeitos dessa natureza, a parte dos santos e a do diabo.

“Ao mesmo tempo que ferirá todos os espíritos de espanto e admiração, o Anticristo, para ganhar todos os corações, exhibirá todas as aparências da mais austera virtude. Enquanto se entrega à mais vergonhosa devassidão no fundo do seu palácio, aparentará temperança e caridade. Prodigalizando ouro e prata em seu redor, fará grandes bens aos pobres e não haverá em toda parte senão concertos e louvores por sua beneficência e sua caridade. Vê-lo-ão cada dia passar horas inteiras em prece no seu templo; numa palavra, ele se cobrirá com o manto da hipocrisia com tanta habilidade, que mesmo os seus mais fiéis servidores serão persuadidos de sua virtude e de sua santidade.

“Entretanto, o Senhor não deixará seus filhos sem defesa e sem socorro durante esses tempos de provação. Enoque e Elias voltarão à Terra para pregar a palavra de Deus, sustentar a

coragem dos fiéis e desmascarar as imposturas dos falsos profetas. Durante mil duzentos e sessenta dias, ou três anos e meio, percorrerão o mundo, exortando todos os homens a fazer penitência e a voltar ao culto de Jesus-Cristo. Oporão *verdadeiros* milagres aos pretensos prodígios do Anticristo e de seus apóstolos... Mas, depois de terem acabado o seu testemunho, a besta que sobe do abismo (o Anticristo) lhes fará guerra, os vencerá e os matará.”

Observação – Não se poderia afirmar mais claramente a *reencarnação*. Não é aqui uma aparência, uma ilusão de óptica, é bem a reencarnação em carne e osso, pois os dois profetas são mortos.

“Então o orgulho do Anticristo não conhecerá mais limites. Orgulhoso da vitória que acaba de conquistar sobre os dois profetas que afrontavam tão impunemente o seu poder há três anos e meio, mandará construir um trono magnífico no Monte das Oliveiras e lá, cercado de uma legião de demônios transformados em anjos de luz, far-se-á adorar pela imensa multidão que será reunida para gozar de seu triunfo.

“Mas, chegado o vigésimo quinto dia, o corpo dos dois profetas, animado pelo sopro de Deus, ressuscitará e eles subirão ao céu, brilhantes de glória, à vista da multidão espantada. Enceguecido pela cólera e pelo ódio, o Anticristo anunciará que vai subir ao céu para buscar os seus inimigos e os precipitar na Terra. Com efeito, partindo nas asas dos demônios que o cercam, ele se elevará nos ares; mas nesse momento o céu *se abrirá* e o Filho do Homem aparecerá sobre uma nuvem luminosa. O Anticristo será precipitado do céu com seu cortejo de demônios e, fendendo-se a terra, descerá vivo para o inferno...

“Então o fim do mundo estará próximo. Não se escoarão mais anos, nem meses, mas poucos dias, último termo dado aos homens para fazer penitência. Os prodígios mais

assustadores se sucederão sem parar, até que o mundo inteiro pereça numa imensa perturbação.

“Eis o que anuncia Holzauzer, e isto não é senão a explicação do que está contido no Apocalipse; é a doutrina de *todos os Pais da Igreja*, encerrada no Evangelho e nos Atos dos Apóstolos.”

Observação – Assim, pois, acabará o mundo! Não é o sonho de um homem, é a doutrina de *todos os Pais*, que são a luz da Igreja. Aqueles de nossos leitores que apenas têm uma vaga idéia do Anticristo nos agradecerão, porque fizemos que o conhecessem com alguns detalhes, conforme as autoridades competentes. Se não há senão quarenta e três anos à sua frente, não tardaremos a ver esse reino maravilhoso. Por esses sinais reconheceremos a aproximação da data fatal.

O que há de estranho nesse relato é a obliteração do poder de Deus e de sua Igreja diante do Anticristo. Com efeito, após um triunfo de *curta duração*, a Igreja sucumbe novamente para não mais se erguer; a fé de seus ministros não é bastante grande para impedir a corrupção de introduzir-se *até no santuário*. Não é uma confissão ingênua de fraqueza e de impotência? São coisas que se pode pensar, mas é inabilidade gritar de cima dos telhados.

Teria sido deveras surpreendente que o Espiritismo não tivesse encontrado lugar nessa predição. Com efeito, ele aí está indicado como um dos sinais dos tempos, e eis em que termos. Não é mais Holzauzer quem fala, é o autor da brochura:

“Mas eis que esses ruídos se precisam, que esses terrores, que parecem quiméricos, tomam consistência e se formulam claramente. O fim do mundo se aproxima, gritam de todos os lados! Na Europa, nos países católicos, recordam-se as velhas profecias que, todas, anunciam esse grande acontecimento para a nossa época...”

“Não são senão os Espíritos batedores que dão o alarme. Abri *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, e lede na primeira página, nos prolegômenos, as palavras seguintes: ‘Os Espíritos anunciam que chegaram os tempos marcados pela Providência para uma manifestação universal e que, sendo eles os ministros de Deus e os agentes de sua vontade, têm por missão instruir e esclarecer os homens, abrindo uma nova era para a regeneração da Humanidade.’”

Observação – Não vemos que anunciar a *regeneração* da Humanidade seja anunciar o seu fim; estas duas idéias se contradizem. Os Espíritos, em vez de *darem o alarme*, vêm trazer a esperança.

“Logo de começo o profeta Joel nos diz: *‘Naqueles tempos a magia cobrirá toda a Terra, e ver-se-ão até crianças de peito fazendo coisas extraordinárias e discursando como pessoas grandes.’*”

“O Espiritismo, esta magia do século dezenove, invadiu o mundo. Há apenas alguns anos, na América, na Inglaterra, na França, fenômenos admiráveis, inauditos, excitaram a curiosidade geral. Móveis inertes, animando-se à vontade dos operadores, entregavam-se às mais fantásticas evoluções, e respondiam sem hesitação às perguntas que lhes dirigiam. Buscou-se qual podia ser *a causa inteligente desses efeitos inteligentes*. As mesas responderam: São Espíritos, as almas dos homens que a morte levou, que vêm comunicar-se com os vivos. Novos fenômenos se produziram. Ouviram-se como que golpes batidos nos móveis, nas paredes das casas; viram-se objetos, movendo-se espontaneamente; ouviam-se vozes, sinfonias; viram-se mesmo aparições de pessoas mortas há muito tempo. Os prodígios se multiplicavam. Era preciso querer para ver; era preciso ver para ficar convencido.

“Em breve uma nova religião se organizou. Interrogados, os próprios Espíritos redigiram um código de sua

nova doutrina. Foi, é preciso confessar, *um sistema filosófico admiravelmente bem combinado sob todos os aspectos*. Jamais o mais hábil sofista soube tão bem disfarçar a mentira e o paradoxo. Não podendo, sem desvendar sua origem e despertar suspeitas, quebrar de um golpe as idéias de Deus e de virtude, os Espíritos começam reconhecendo altamente a existência de Deus, a necessidade desta virtude; mas fazem tão pouca diferença entre a sorte dos justos e a dos maus, que se é forçosamente levado, por essas crenças, a satisfazer a todas as suas paixões e a buscar na morte um refúgio contra a infelicidade. O crime e o suicídio são as duas conseqüências fatais desses princípios que, à primeira vista, parecem marcados por uma moral tão bela e tão pura.

“Para explicar a anomalia dessas comunicações de além-túmulo, os Espíritos não puderam deixar de anunciar, como vimos, *que os tempos marcados pela providência tinham chegado*; mas, não querendo falar do fim do mundo, o que absolutamente não entrava em seu sistema, acrescentaram: *para a regeneração universal da Humanidade*.”

Observação – Por uma singular coincidência, no mesmo dia, 24 de fevereiro, em que nos chegou essa brochura, que nos era enviada por um de nossos correspondentes de Lyon, e no momento que líamos estes últimos parágrafos, recebemos das cercanias de Boulogne-sur-Mer uma carta, da qual extraímos as seguintes passagens:

“É do fundo de um vale obscuro do Boulonais que vos chegam estas poucas palavras, reflexos de uma existência sofredora; porque o Espiritismo penetra por toda parte, para espalhar a luz e as consolações. Pessoalmente, quanto alívio não lhe devo, bem como a vós, senhor, que sois o seu dispensador!

“Nascido de pais muito pobres, carregados de oito filhos, dos quais sou o mais velho, ai! até agora não ganhei o meu

pão, embora tenha vinte e nove anos, pela debilidade de minha constituição. Juntai a isto uma propensão inata ao orgulho, à vaidade, à violência, etc., e julgai o que tive de suportar de males, na minha miserável condição, antes que o Espiritismo tivesse vindo explicar-me o enigma de meu destino. Cheguei a tal ponto que resolvi suicidar-me.

“Para este fim, para acalmar as minhas apreensões e as censuras de minha consciência, eu me tinha dito, *na minha fé de católico*: Ferir-me-ei com um golpe que, embora mortal, não me fará morrer instantaneamente e me deixará dispor de alguns instantes de vida, suficientes para que eu tenha a possibilidade *de me confessar, comungar e manifestar o meu arrependimento; numa palavra, de me pôr em condições de me assegurar uma vida ditosa no outro mundo, escapando aos males deste.*

“Meu raciocínio era muito absurdo, não acha, senhor? E, contudo, não era conseqüente com o dogma que nos afirma que todo pecado, todo crime mesmo, é apagado pela simples confissão feita a um sacerdote que dá a absolvição?”

“Agora, graças ao conhecimento do Espiritismo, semelhantes idéias estão *para sempre banidas do meu pensamento*; entretanto, quanta imperfeição ainda me resta a despojar!”

Assim, o Espiritismo impediu um ato, um crime que teria sido cometido, *não na ausência de toda fé*, mas antes, diz a pessoa, pela conseqüência mesma de sua fé católica. Neste caso, qual foi a mais poderosa para impedir o mal? Esse rapaz será danado por ter seguido o impulso do Espiritismo, obra do demônio, segundo o autor da brochura, ou teria sido salvo, suicidando-se, por ter recebido, antes de morrer, a absolvição de um sacerdote? Que o autor da brochura, com a mão na consciência, responda a esta pergunta.

Tendo sido lidos os fragmentos acima na Sociedade de Paris, o nosso antigo colega Jobard veio dar, espontaneamente, sobre o assunto, a comunicação seguinte, por um médium em sonambulismo espiritual:

(Sociedade de Paris, 28 de fevereiro – Médium: Sr. Morin)

Eu passava, quando o eco me trouxe a vibração de uma imensa gargalhada. Prestei atenção e, tendo reconhecido o ruído do riso dos encarnados e dos desencarnados, me disse: Sem dúvida a coisa é interessante; vamos ver!... E eu não acreditava, senhores, ter o prazer de vir passar a noite junto de vós. Contudo, estou feliz por isto, crede-o bem, porque sei toda a simpatia que conservastes por vosso antigo colega.

Assim, aproximei-me e os ruídos da Terra me chegaram mais distintos: O fim do mundo! exclamavam; o fim do mundo!... Oh! meu Deus, me disse eu, se é o fim do mundo, em que se vão tornar?... A voz de vosso presidente e meu amigo, chegando até mim, compreendi que vos lia algumas passagens de uma brochura na qual se anuncia o fim do mundo como muito próximo. O assunto interessou-me; escutei atentamente e, após ter refletido maduramente, venho, como o autor da brochura, dizer-vos: Sim, senhores, o fim do mundo está próximo!... Oh! não vos assusteis, senhoras, porque é preciso estar bem perto para o tocar; e quando o tocardes o vereis.

Esperando, se me permitis, vou dar-vos minha apreciação sobre esta palavra, espantallo dos cérebros fracos e, também, dos Espíritos fracos; porque, sabeí-o, se o temor do fim do mundo aterroriza os seres pusilânimes do vosso mundo, fere igualmente de terror os seres atrasados da erraticidade. Todos os que não estão desmaterializados, isto é, que, embora Espíritos, vivem mais materialmente que espiritualmente, se apavoram à idéia do fim do mundo, porque compreendem, por esta palavra, a

destruição da matéria. Não vos admireis, pois, de que essa idéia emocione certos Espíritos, que não saberiam em que se tornar, se a Terra não existisse mais, porquanto a Terra ainda é o seu mundo, o seu ponto de apoio.

Por mim, me disse: Sim, o fim do mundo está próximo; está aí, eu o vejo, o toco... está próximo para os que, mau grado seu, trabalham para precipitar o seu advento!... Sim, o fim do mundo está próximo; mas, o fim de que mundo?

Será o fim do mundo da superstição, do despotismo, dos abusos mantidos pela ignorância, pela malevolência e pela hipocrisia; será o fim do mundo egoísta e orgulhoso, do pauperismo, de tudo o que é vil e rebaixa o homem; numa palavra, de todos os sentimentos baixos e cúpidos, que são o triste apanágio do vosso mundo.

Esse fim do mundo, essa grande catástrofe que todas as religiões concordam em prever, é o que elas entendem? Ao contrário, não se deve ver a realização dos altos destinos da Humanidade? E se refletirmos em tudo o que se passa em torno de nós, esses sinais precursores não serão o sinal do começo de um outro mundo, isto é, de um outro mundo moral, em vez do da destruição do mundo material?

Sim, senhores, um período de depuração terrestre termina neste momento; um outro vai começar... Tudo concorre para o fim do velho mundo, e os que se esforçam por sustentá-lo trabalham energicamente, sem o querer, para a sua destruição. Sim, o fim do mundo está próximo para eles; pressentem-no e se apavoram, crede bem, mais que do fim do mundo terrestre, porque é o fim de sua dominação, de sua preponderância, a que se apegam mais do que a qualquer outra coisa; e isto não será, em relação a eles, a vingança de Deus, pois Deus não se vinga, mas a justa recompensa de seus atos.

Como vós, os Espíritos são filhos de suas obras; se são bons, é porque trabalharam para o ser; se são maus, não é porque tenham trabalhado para o ser, mas porque não trabalharam para se tornarem bons.

Amigos, o fim do mundo está próximo e vos convido vivamente a tomar boa nota desta previsão; ele está tanto mais próximo quanto já se trabalha para o reconstruir. A sábia providência d'Aquele a quem nada escapa, quer que tudo se construa, antes que tudo seja destruído; e quando o edificio novo for concluído, quando a cumeeira estiver coberta, então é que desabará o antigo; cairá por si mesmo, de sorte que entre o mundo novo e o velho não haverá solução de continuidade.

É assim que se deve entender o fim do mundo, que já pressagiam tantos sinais precursores. E quais serão os poderosos obreiros para esta grande transformação? Sois vós, senhoras; sois vós senhoritas, com o auxílio da dupla alavanca da instrução e do Espiritismo. Na mulher na qual o Espiritismo penetrou, há mais que uma mulher, há um trabalhador espiritual; nesse estado, tudo trabalhando por ela, a mulher trabalha ainda muito mais que o homem na edificação do monumento, porque, quando ela conhecer todos os recursos do Espiritismo e dele souber servir-se, a maior parte da obra por ela estará feita. Amamentando o corpo de seu filho, também poderá alimentar o seu espírito; e que melhor ferreiro do que o filho de um ferreiro, aprendiz de seu pai? Assim o menino sugará, ao crescer, o leite da espiritualidade, e quando tiverdes espíritas, filhos de espíritas e pais de espíritas, o fim do mundo, tal qual o compreendemos, não estará realizado? Depois disto, admirai-vos de que o Espiritismo seja um espantalho para tudo o que se prende ao velho mundo, e do encarniçamento com que procuram sufocá-lo em seu berço?

Intolerância e Perseguição com Respeito ao Espiritismo

O fato seguinte nos foi assinalado por um dos nossos correspondentes. Por conveniência, calamos o nome do lugar onde se passou, mas, se necessário, temos em mãos a peça justificativa.

O cura de..., tendo sabido que uma de suas paroquianas havia recebido *O Livro dos Espíritos*, veio à sua casa e lhe fez uma cena escandalosa, apostrofando-a com epítetos muito pouco evangélicos; além disso, ameaçou-a de não a enterrar, quando morresse, se ela não acreditasse no diabo e no inferno; depois, apoderando-se do livro, levou-o.

Alguns dias mais tarde aquela senhora, que pouco se abalara com aquela altercação, foi à casa do padre lhe reclamar o seu livro, dizendo a si mesma que se ele não o devolvesse, não lhe seria difícil adquirir outro e que saberia pô-lo em lugar seguro.

O livro foi devolvido, mas num estado que provava que uma santa cólera se havia descarregado sobre ele. Estava manchado de rasuras, de anotações, de refutações, nas quais os Espíritos eram tratados de mentirosos, de demônios, de estúpidos, etc. A fé daquela senhora, longe de ficar abalada, fortaleceu-se ainda mais. Dizem que se apanham mais moscas com mel do que com vinagre. O padre lhe apresentou vinagre; ela preferiu o mel, e disse: Perdoai-lhe, Senhor, porque ele não sabe o que faz. De que lado estava o verdadeiro Cristianismo?

Cenas desta natureza eram muito freqüentes há sete ou oito anos, e por vezes tinham um caráter de violência que raiava o burlesco. Recorde-se aquele missionário que escumava de raiva pregando contra o Espiritismo, e se agitava com tanto furor que temiam que de uma hora para outra caísse do púlpito. E aquele outro pregador que convidava todos os detentores de obras

espíritas para que lhas trouxessem, a fim de serem queimadas em praça pública. Infelizmente para ele não lhe trouxeram uma só, contentando-se em queimar no pátio do seminário todos os volumes que puderam comprar nas livrarias. Hoje que se reconheceu sua inutilidade e inconveniência, essas demonstrações excêntricas são muito raras; a experiência provou que elas desviaram mais fiéis da Igreja do que do Espiritismo.

O fato relatado acima tem um caráter de particular gravidade. Em sua igreja, o padre está em sua casa, no seu terreno; dar ou recusar preces, conforme a sua consciência, está no seu direito; usa-o, sem dúvida, de maneira mais prejudicial que útil à causa que defende, mas, enfim, está no seu direito e achamos ilógico que pessoas que estão, por pensamento, se não de fato, separadas da Igreja, que não cumprem nenhum dos deveres que esta impõe, tenham a pretensão de constranger um padre a fazer o que, com ou sem razão, ele considera como contrário à sua regra. Se não credes na eficácia de suas preces, porque lhas exigir? Mas, pela mesma razão, ele ultrapassa o seu direito, quando se impõe aos que não o pedem.

No caso de que se trata, com que direito aquele padre ia violentar a consciência daquela senhora em seu próprio domicílio, ali fazer uma visita inquisitorial e apoderar-se do que não lhe pertencia? Que ganha a religião com esse excesso de zelo? Os amigos inábeis são sempre prejudiciais.

O fato em si é de pouca importância e não é, em última análise, senão uma pequena pirraça, que prova a estreiteza das idéias de seu autor; dele não teríamos falado se não se ligasse a fatos mais graves, às perseguições propriamente ditas, cujas conseqüências são mais sérias.

Estranha anomalia! Seja qual for a posição de um homem, oficial ou subordinada a um título qualquer, não lhe

contestam o direito de ser protestante, judeu ou mesmo absolutamente nada; pode ser abertamente incrédulo, materialista ou ateu; pode preconizar tal ou qual filosofia, mas não tem o direito de ser espírita. Se for suspeito de Espiritismo, como outrora se era suspeito de jansenismo, é suspeito; se a coisa é confessada, é olhado de soslaio por seus superiores, quando estes não pensam como ele, considerado como perturbador da sociedade, ele que abjura toda idéia de ódio e de vingança, que tem como regra de conduta a caridade cristã na sua mais rigorosa acepção, a benevolência para com todos, a tolerância, o esquecimento e o perdão das injúrias, numa palavra, todas as máximas que são a garantia da ordem social, e o maior freio das más paixões. Pois bem! o que, em todos os tempos e em todos os povos civilizados, é um título à estima das pessoas honestas, torna-se um sinal de reprovação aos olhos de certa gente, que não perdoa a um homem *ter-se tornado melhor pelo Espiritismo!* Sejam quais forem as suas qualidades, os seus talentos, os serviços prestados, se não for independente, se sua posição não for invulnerável, uma mão, instrumento de uma vontade oculta, o oprime e fere, se puder, nos seus meios de subsistência, em suas afeições mais caras, e até em sua consideração.

Que semelhantes coisas se passem em regiões onde a fé exclusiva erige a intolerância em princípio, como a sua melhor salvaguarda, nada tem de surpreendente; mas que ocorram em países onde a liberdade de consciência está inscrita no código das leis como um direito natural, é mais difícil de compreender. É preciso, então, que se tenha muito medo desse Espiritismo, embora o apresentem como uma idéia oca, uma quimera, uma utopia, uma bagatela que um sopro da razão pode abater! Se esta luz fantástica ainda não está extinta, não é, entretanto, por não a terem soprado. Soprai, pois, soprai sempre: há chamas que são atiçadas soprando, em vez de serem apagadas.

Alguns, contudo, perguntarão: o que se pode censurar àquele que não quer e não pratica senão o bem? que cumpre os

deveres de seu cargo com zelo, probidade, lealdade e devotamento? que ensina a amar a Deus e ao próximo? que prega a concórdia e convida todos os homens a se tratarem como irmãos, sem acepção de cultos nem de nacionalidades? Não trabalha ele para o apaziguamento das dissensões e dos antagonismos que causaram tantos desastres? Não é o verdadeiro apóstolo da paz? Unindo por seus princípios o maior número possível de aderentes, por sua lógica, pela autoridade de sua posição e, sobretudo, por seu exemplo, não evitará conflitos lamentáveis? Se, em lugar de um, forem dez, cem, mil, sua influência salutar não será tanto maior? Tais homens são auxiliares preciosos; nunca são bastantes; não se deveria encorajá-los, honrá-los? A doutrina que faz penetrar esses princípios no coração do homem pela convicção apoiada numa fé sincera, não é um penhor de segurança? Aliás, onde se viu que os espíritas fossem provocadores de perturbações? Ao contrário, não são eles sempre e por toda parte assinalados como gente pacífica e amiga da ordem? Todas as vezes que foram provocados por atos de malevolência, em vez de usar represálias não evitaram com cuidado tudo quanto pudesse ter sido uma causa de desordem? Alguma vez a autoridade já os castigou por algum ato contrário à tranqüilidade pública? Não, porque um funcionário, encarregado da manutenção da ordem, há pouco dizia que se todos os seus administrados fossem espíritas, ele poderia fechar a sua repartição. Haverá homenagem mais característica, prestada aos sentimentos que os animam? E a que palavra de ordem obedecem? unicamente à de sua consciência, pois não denotam nenhuma personalidade patente ou oculta na sombra. Sua doutrina é sua lei, e essa lei lhes prescreve fazer o bem e evitar o mal; por seu poder moralizador ela conduziu à moderação homens exaltados, nada temendo, nem Deus, nem a justiça humana, e capazes de tudo. Se ela fosse popular, com que peso não se apresentaria nos momentos de efervescência e nos centros turbulentos? Em que, então, pode esta doutrina ser um motivo de reprovação? Como pode chamar a perseguição sobre aqueles que a professam e a propagam?

Admirai-vos de que uma doutrina que não produz senão o bem tenha adversários! Mas, então, não conheceis a cegueira do espírito de partido? Alguma vez ele já considerou o bem que pode fazer uma coisa, quando contrária às suas opiniões e aos seus interesses materiais? Não esqueçais que certos oponentes o são *por sistema*, muito mais que *por ignorância*. Seria em vão que esperaríeis atraí-los a vós pela lógica de vossos raciocínios e pela perspectiva dos efeitos salutareos da Doutrina; eles sabem isto tão bem quanto vós, e é precisamente porque o sabem que não o querem; quanto mais rigorosa e irresistível é essa lógica, mais ela os exaspera, porque lhes fecha a boca. Quanto mais lhes demonstram o bem que produz o Espiritismo, mais se irritam, porque sentem que aí está a sua força; por isso, ainda que ele devesse salvar o país dos maiores desastres, mesmo assim o repeliriam. Triunfais de um incrédulo, de um ateu de boa-fé, de uma alma viciosa e corrompida, mas nunca de gente de idéias preconcebidas!

Que esperam, pois, da perseguição? Deter o impulso das idéias novas pela intimidação? Vejamos, em algumas palavras, se tal objetivo pode ser atingido.

Todas as grandes idéias, todas as idéias renovadoras, assim na ordem científica como na ordem moral, receberam o batismo da perseguição, e isto era inevitável, porque elas ferem os interesses dos que viviam velhas idéias, preconceitos e abusos. Mas, desde que essas idéias constituem verdades, já se viu alguma vez a perseguição deter o seu curso? Não está aí a história de todos os tempos para provar que, ao contrário, elas cresceram, consolidaram-se, propagadas pelo efeito mesmo da perseguição? A perseguição foi o estimulante, o aguilhão que as impeliu para frente e fez avançar mais depressa, superexcitando os espíritos, de sorte que os perseguidores trabalharam contra si mesmos e não ganharam senão ser estigmatizados pela posteridade. Só se perseguiram as idéias nas quais se via o futuro; as que julgaram sem consequência deixaram que morressem de morte natural.

O Espiritismo, ele também, é uma grande idéia; devia, pois, receber seu batismo como seus precursores, porque o espírito dos homens não mudou, e lhe acontecerá o que aconteceu aos outros: um acréscimo de importância aos olhos da multidão e, por conseguinte, maior popularidade. Quanto mais em evidência estiverem as vítimas por sua posição, maior repercussão haverá em razão da extensão de suas relações.

A curiosidade é tanto mais superexcitada quanto mais a pessoa é cercada de mais estima e consideração; cada um quer saber o porquê e o como; conhecer o fundo dessas opiniões, que despertam tanta cólera; interrogam, lêem, e eis como uma porção de gente, que talvez jamais se teria ocupado de Espiritismo, é levada a conhecê-lo, a julgá-lo, a apreciá-lo e a adotá-lo. Tal foi, como se sabe, o resultado das declamações furibundas, das interdições pastorais, das diatribes de toda sorte. Tal será o das perseguições. Estas fazem mais: elevam o Espiritismo ao nível das crenças sérias, porque diz o bom-senso que não se combatem quimeras.

A perseguição contra as idéias falsas, errôneas, é inútil, porque estas se desacreditam e caem por si mesmas. Tem como efeito criar partidários e defensores, e retardar a sua queda, porque muitos as consideram como boas, precisamente porque são perseguidas. Quando a perseguição se ataca a idéias verdadeiras, vai diretamente contra o seu objetivo, porque lhe favorece o desenvolvimento; é, pois, em todos os casos, uma inabilidade que se volta contra os que a cometem.

Um escritor moderno lamentava que não tivessem queimado Lutero, a fim de destruir o protestantismo em sua raiz; mas como não poderiam tê-lo queimado senão após a emissão de suas idéias, se o tivessem feito o protestantismo talvez estivesse duas vezes mais espalhado do que está. Queimaram João Huss; que ganhou com isso o concílio de Constança? cobrir-se com uma nódoa indelével. Mas as idéias do mártir não foram queimadas com

ele: foram um dos fundamentos da Reforma. A posteridade conferiu a glória a João Huss e a vergonha ao concílio. (*Revista Espírita*, agosto de 1866). Hoje já não queimam, mas perseguem de outras maneiras.

Sem dúvida, quando desaba uma tempestade, muitos se põem ao abrigo. As perseguições podem, pois, impedir momentaneamente a livre manifestação do pensamento; os perseguidores, crendo tê-la abafado, adormecem numa segurança enganadora; mas o seu pensamento não subiste menos, e as idéias reprimidas são como as plantas em estufa: crescem mais depressa.

O Espiritismo em Cadiz, em 1853 e 1868

Temos dito em várias ocasiões que o Espiritismo conta numerosos adeptos na Espanha, o que prova que a restrição das idéias não as impede de produzir-se. Desde muito tempo já sabíamos que Cadiz era a sede de um importante centro espírita. Um dos membros dessa sociedade, tendo vindo a Paris o ano passado, deu-nos a respeito detalhes circunstanciados de alto interesse, e que depois nos lembrou em sua correspondência. Só a abundância das matérias nos impediu de os publicar mais cedo.

Os espíritas de Cadiz, reivindicam para a sua cidade a honra de ter sido uma das primeiras, se não a primeira na Europa, a possuir uma reunião espírita constituída, recebendo comunicações regulares dos Espíritos, pela escrita e pela tipologia, sobre assuntos de moral e de filosofia. Com efeito, esta pretensão é justificada pela publicação, em 1854, de um livro impresso em língua espanhola. Contém de início um prefácio explicativo sobre a descoberta das mesas falantes e a maneira de as utilizar; depois a relação de respostas a perguntas dirigidas aos Espíritos numa série de sessões realizadas desde 1853. O procedimento consistia numa mesinha de três pés e de um alfabeto dividido em três séries,

correspondendo cada uma a um dos pés da mesinha. Sem dúvida as respostas são muito elementares, comparativamente ao que hoje se obtém, e nem todas são de uma exatidão irreprochável, mas na maioria concordam com o ensinamento atual. Citaremos apenas algumas delas, para mostrar que na época, aliás quase por toda parte, em que não se ocupavam das mesas girantes senão como objeto de distração, em Cadiz já pensavam em utilizar o fenômeno para instruções sérias.

(8 de novembro de 1853) – Aqui está presente um Espírito? – Sim. – Como te chamas? – Ege. – Em que parte do mundo habitaste? – Na América do Norte. – Eras homem ou mulher? – Mulher. – Dize-nos o teu nome em inglês. – Akka. – Como traduzes *belo* em inglês? – *Fine*. – Por que vieste aqui? – Para fazer o bem. – A ti ou a nós? – A todos. – Então podes dar-nos esse bem? – Posso; tudo está no trabalho. – Como alcançaremos o bem? – Emancipando a mulher; tudo depende dela.

(11 de novembro). *O Espírito Ege*. – Há um outro modo de comunicação com os Espíritos? – Sim, pelo pensamento. – De que maneira? – Lê o teu. – E como poderíamos nos entender com o pensamento dos Espíritos? – Pela concentração. – Há um meio de chegar a isto facilmente? – Sim, a felicidade. – Como se obtém a felicidade? – Amando-vos uns aos outros.

(25 de novembro). *Anna Ruiz*. – Para onde vai nossa alma ao se separar do corpo? – Ela não deixa a Terra. – Queres dizer o corpo? – Não, a alma. – Tens os mesmos gozos na outra vida que nesta aqui? – Os mesmos e melhores: trabalhamos em todo o Universo.

(26 de novembro). *Odiuz*. – Os Espíritos revestem uma forma? – Sim. – Qual? – A forma humana. Há dois corpos: um material, outro de luz. – O corpo de luz é o Espírito? – Não; é uma agregação de éter; fluidos leves formam o corpo de luz. – Que é

um Espírito? – Um homem em estado de essência. – Qual é o seu destino? – Organizar o movimento material cósmico; cooperar com Deus para a ordem e nas leis dos mundos no Universo.

(30 de novembro). *Um Espírito espontaneamente*. A ordem distribui as harmonias. Esta lei vos diz que cada globo do sistema solar é habitado por uma humanidade como a vossa; cada membro dessa humanidade é um ser completo na classe que ocupa; possui uma cabeça, um tronco e membros. Cada um tem a sua destinação marcada, coletiva ou terrestre, visível ou invisível. O Sol, como os planetas e seus satélites, tem seus habitantes com um destino complexo. Cada uma das humanidades que povoam esses diversos globos tem sua dupla existência, visível e invisível, e uma palavra espiritual apropriada a cada um desses estados.

(1^o de dezembro). *Odiuz*. Lede João e tereis a significação da palavra verbo. Sabereis o que é o *verbo* da humanidade solar; cada humanidade tem a sua Providência, seu homem-Deus; a luz do homem-Deus solar é a Providência antropomórfica de todos os globos do sistema solar.

(8 de dezembro). – Há analogia entre a luz material e a luz espiritual? – O Sol ilumina, os planetas refletem sua luz. A inteligência solar ilumina as inteligências planetárias e estas as de seus satélites. A luz inteligente emana do cérebro da humanidade solar, que é a centelha inteligente, como o Sol é a centelha material de todos os astros. Há também analogia no modo de expansão da luz inteligente em cada humanidade que a recebe do foco principal para a comunicar aos seus membros.

Há unidade de sistema entre o mundo material e o mundo espiritual.

Nós temos a Natureza que reflete as leis que precederam a Criação. A seguir vem o Espírito humano que analisa a Natureza para descobrir estas leis, interpretá-las e compreendê-

las. Esta análise é para a luz espiritual o que é a refração para a luz física, porque a Humanidade inteira forma um prisma intelectual, no qual a luz divina única se refrata de mil maneiras diferentes.

(4 de janeiro de 1854). – Por que nem sempre os Espíritos vêm ao nosso apelo? – Porque são muito ocupados. – Por que alguns Espíritos que se apresentaram até agora responderam por enigmas ou absurdos? – Porque eram Espíritos ignorantes e levianos. – Como os distinguir dos Espíritos sérios? – Por suas respostas.

– Podem os Espíritos tornar-se visíveis? – Algumas vezes. – Em que caso? – Quando se trata de humilhar o fanatismo. – Sob que forma o Espírito se apresentou ao arcebispo de Paris? – Forma humana. – Qual a verdadeira religião? – Amar-vos uns aos outros.

O extrato seguinte, de uma carta do nosso correspondente, datada de 17 de agosto de 1867, dará uma idéia do espírito que preside à Sociedade Espírita atual de Cadiz:

“Desde onze anos estamos em comunicação com Espíritos da vida superior e, nesse espaço de tempo, eles nos fizeram importantes revelações sobre a moral, a vida espiritual e outros assuntos de interesse do progresso.

“Reunimo-nos cinco vezes por semana. O Espírito presidente de nossa Sociedade, ao qual os outros Espíritos concedem uma certa supremacia, chama-se *Pastoret*. Temos na Sra. J.. um excelente médium vidente e falante. Ela se comunica por meio de uma mesinha de três pés, que não lhe serve senão para estabelecer a corrente fluídica, e vê as palavras escritas numa espécie de fita fluídica, que passa incessantemente diante de seus olhos, e nela lê como num livro. Esse meio de comunicação, aliado à benevolência dos Espíritos que vêm às nossas sessões, permite-

nos apresentar as nossas observações e estabelecer discussões quase familiares com esses mesmos Espíritos.

“Cada noite a sessão é aberta com a presença do Espírito Gardoqui, que conhecemos e que, em vida, exercia a Medicina em Cadiz. Depois de dar conselhos aos nossos irmãos presentes, vai visitar os doentes que lhe recomendamos; indica os remédios necessários, e quase sempre com sucesso.

“Depois da visita do médico vem o Espírito familiar do círculo, que nos traz outros Espíritos, ora superiores para nos instruírem, ora inferiores, a fim de que os auxiliemos com os nossos conselhos e os nossos encorajamentos. Por indicação dos nossos guias, realizamos periodicamente missões de caridade em favor dos pobres.

“Além do ridículo, contra o qual vós outros, franceses, tendes de lutar tanto quanto nós, lutamos contra a intolerância. Contudo não desanimamos, porque a força de convicção que Deus nos dá é mais poderosa que os obstáculos.

“Terminamos cada sessão pela seguinte prece:

“Pai universal! Senhor todo-poderoso! dirigimo-nos a ti, porque te reconhecemos como o Deus único e eterno. Pai! desejamos não incorrer na tua censura, mas, ao contrário, avançar a nossa purificação para nos aproximarmos de ti, único bem verdadeiro, suprema felicidade prometida aos que retornam junto a ti.

“Senhor! lembramos-te continuamente os nossos pecados, a fim de que no-los perdoes, após a expiação que merecem. Quanto já não devemos à tua imensa bondade! Sede misericordioso para conosco.

“Pai eterno, tu me deste a vida e, com a vida, a inteligência para te conhecer, um coração para te amar e para amar os meus semelhantes. Minha inteligência crescerá quando eu pensar em ti e quando me elevar a ti.

“Pai universal de todos os seres, grande arquiteto do Universo, água benta com que estancamos a sede do amor divino, nem o curso do tempo, nem a diferença das inteligências impedem de te reconhecer, porque teu grande poder e teu grande amor se vêem por toda parte.

“Pai! nós nos confiamos à tua misericórdia e, como prova de nossa sinceridade, nós te ofertamos as nossas vidas, os nossos bens, tudo quanto nos deste. Nada possuímos que não venha de ti; pomos tudo à disposição dos nossos irmãos necessitados, para que aproveitem o fruto da nossa inteligência e do nosso trabalho.

“Somos teus filhos, Senhor! e solicitamos de tua infinita bondade um raio de luz para nos conduzir no caminho que nos mostraste, até que cheguemos ao complemento de nossa felicidade.

“Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; seja feita a tua vontade, assim na Terra como no Céu. O pão nosso de cada dia, dá-nos hoje. Perdoa as nossas ofensas como perdoamos os que nos ofenderam, agora e sempre, até na hora de nossa morte.

“Nós te dirigimos as nossas preces, Pai infinitamente bom, por todos os nossos irmãos que sofrem na Terra e no espaço. Nosso pensamento é para eles e a nossa confiança está em ti.”

Que os espíritas de Cadiz recebam, por nosso intermédio, os sinceros cumprimentos de seus irmãos de todos os países. A iniciativa que tomaram, na extremidade da Europa e numa terra refratária, sem relações com os outros centros, sem outro guia

além de suas próprias inspirações, quando o Espiritismo, quase por toda parte, ainda estava na infância, é uma prova a mais de que o movimento regenerador recebe seu impulso de mais alto que a Terra e que seu foco está em toda parte; que, assim, é temerário e presunçoso esperar sufocá-lo comprimindo-o num ponto, pois que, em falta de uma saída, há mil outros pelos quais será feita a luz. Para que servem as barreiras contra aquilo que vem do alto? De que serve esmagar alguns indivíduos, quando há milhões disseminados sobre toda a Terra, que recebem a luz e a espalham? Querer aniquilar o que está fora do poder do homem, não é representar o papel dos gigantes que queriam escalar o céu?

Dissertação Espírita

INSTRUÇÃO DAS MULHERES

(Joinville, Haute-Marne, 10 de março de 1868 – Médiun: Sra. P...)

Neste momento a instrução da mulher é uma das mais graves questões, porque não contribuirá pouco para realizar as grandes idéias de liberdade, que dormitam nos fundos dos corações.

Honra aos homens corajosos que tomaram a sua iniciativa! eles podem, de antemão, estar certos do sucesso de seus trabalhos. Sim, soou a hora da libertação da mulher; ela quer ser livre e para isto deve libertar a sua inteligência dos erros e dos preconceitos do passado. É pelo estudo que ela alargará o círculo de seus conhecimentos estreitos e mesquinhos. Livre, ela fundará a sua religião sobre a moral, que é de todos os tempos e de todos os países. Ela quer ser, ela será a companheira inteligente do homem, sua conselheira, sua amiga, a instrutora de seus filhos, e não um joguete, do qual se servem como uma coisa, e que depois deixam de lado para tomar uma outra.

Ela quer trazer a sua pedra ao edifício social, que se ergue neste momento ao poderoso sopro do progresso.

É verdade que, uma vez instruída, ela escapa das mãos daqueles que dela fazem um instrumento. Como um pássaro cativo, ela quebra a sua gaiola e voa para os vastos campos do infinito. É verdade que, pelo conhecimento das leis imutáveis que regem os mundos, ela compreenderá Deus de modo diferente do que lhe ensinam; não acreditará mais num Deus vingador, parcial e cruel, porque sua razão lhe dirá que a vingança, a parcialidade e a crueldade não podem conciliar-se com a justiça e a bondade; o seu Deus – dela – será todo amor, mansuetude e perdão.

Mais tarde ela conhecerá os laços de solidariedade que unem os povos entre si, e os aplicará em seu redor, espalhando com profusão tesouros de caridade, de amor e de benevolência para todos. Seja qual for a seita a que pertença, saberá que todos os homens são irmãos, e que o mais forte não recebeu a força senão para proteger o fraco e o elevar na sociedade ao verdadeiro lugar que deve ocupar.

Sim, a mulher é um ser perfectível como o homem, e suas aspirações são legítimas; seu pensamento é livre e nenhum poder do mundo tem o direito de a escravizar ao sabor de seus interesses ou de suas paixões. Ela reclama sua parte de *atividade intelectual*, e a obterá, porque há uma lei mais poderosa que todas as leis humanas: a do progresso, à qual toda a Criação está submetida.

Um Espírito

Observação – Temos dito e repetido muitas vezes: a emancipação da mulher será a conseqüência da difusão do Espiritismo, porque ele funda os seus direitos, não numa idéia filosófica generosa, mas sobre a própria identidade do Espírito. Provando que não há Espíritos homens e Espíritos mulheres, que todos têm a mesma essência, a mesma origem e o mesmo destino,

ele consagra a igualdade dos direitos. A grande lei da reencarnação vem, além disso, sancionar este princípio. Desde que os mesmos Espíritos podem encarnar, ora como homens, ora como mulheres, disso resulta que o homem que escraviza a mulher poderá ser escravizado por sua vez; que, assim, trabalhando pela emancipação das mulheres, os homens trabalham pela emancipação geral e, por conseguinte, em proveito próprio. As mulheres têm, pois, um interesse direto na propagação do Espiritismo, porque ele fornece em apoio de sua causa os mais poderosos argumentos que jamais foram invocados. (Vide a *Revista Espírita*, janeiro de 1866; junho de 1867).

Allan Kardec